

PODCASTING EM MEIO A GOVERNANÇA DA INTERNET,
PLATAFORMAS E CONTROVÉRSIAS

Pollyana Ferrari¹

Artur Ferreira²

RESUMO

Vivemos em um mundo no qual a qualidade da informação que recebemos tem um papel decisivo na determinação de nossas escolhas e ações, incluindo nossa capacidade de usufruir das liberdades fundamentais e da capacidade de desenvolvimento. Movida pelos avanços tecnológicos nas telecomunicações, manifesta-se também a proliferação de mídias sem nenhuma comprovação da veracidade do conteúdo veiculado. Muitos podcasts jornalísticos passam a adotar parte dos pressupostos da educação midiática em conteúdos didáticos para explicar ao leitor a guerra informacional, seja no campo da segurança ou geopolítica. Neste artigo vamos nos debruçar sobre o conflito entre Rússia e Ucrânia e a governança da infodemia vigente. Para garantir uma análise mais adequada, realizou-se dois estudos de casos dos podcasts “O Mundo Em Meia Hora” (OMEMH), da *Rádio CBN*, e o “Petit Journal” (PJ), produzido somente pelos professores Daniel Sousa e Tanguy Baghdadi. As análises foram feitas através de uma revisão da bibliografia acerca de temas como desinformação, fake news, cibercultura e educação midiática. E o objetivo final deste artigo é expandir o conhecimento sobre a produção de jornalismo em formato de podcast e como este pode ser uma ferramenta contra as informações falsas.

Palavras-chave: podcast; guerra informacional; desinformação

¹ Pós-doutora em Comunicação pela Universidade Beira Interior (Portugal), doutora e mestre em Comunicação Social pela Universidade de São Paulo (2007). É graduada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo pela PUC-SP (1991). É professora titular do Programa de Estudos Pós-Graduados em Tecnologias da Inteligência e Design Digital (TIDD) da (PUC-SP). Líder do Grupo de Pesquisa CNPq Comunidata Na PUC-SP é também professora do curso de Jornalismo. Autora de 10 livros, entre eles, Comunicação digital na era da participação, Jornalismo Digital, Hipertexto Hipermídia, A força da mídia social, No tempo das telas, Comunicação na era da participação e Como sair das bolhas. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8066660068004635>

² Mestrando no programa Tecnologias da Inteligência e Design Digital (TIDD) da (PUC-SP). Jornalista, formado pela PUC-SP e pesquisador na área de podcasting e atuou como estagiário na Rádio CBN, entre 2020-2021. Também na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) realizou o Projeto de Iniciação Científica com bolsa PIBIC-CNPq "Narrativa e Podcasting: a história do Podcast e análise do programa Vozes - Histórias e Reflexões". E participa do Grupo de Pesquisa CNPq Comunidata. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5522331616061294>

ABSTRACT

We live in a world in which the quality of the information we receive plays a decisive role in determining our choices and actions, including our ability to enjoy fundamental freedoms and the ability to develop. Driven by technological advances in telecommunications, there is also a proliferation of media without any proof of the veracity of the content broadcasted. Many journalistic podcasts start to adopt part of the presuppositions of media education in didactic content to explain to the reader informational warfare, whether in the field of security or geopolitics. In this article we will look at the conflict between Russia and Ukraine and the governance of the current infodemic. To ensure a more adequate analysis, two case studies were made out of the podcasts “O Mundo Em Meia Hora” (OMEMH), from *Rádio CBN*, and the “Petit Journal” (PJ), produced only by professors Daniel Sousa and Tanguy Baghdadi. The analyzes were made out through a review of the bibliography on topics such as disinformation, fake news, cyberculture and media education. And the final objective of this article is to expand knowledge about the production of journalism in podcast format and how this can be a tool against false information.

Key-words: podcast; information warfare; misinformation

Introdução

O presente artigo discute a evolução do formato podcast e ferramental de combate à desinformação, com o objetivo premente de garantir uma análise mais adequada a partir de dois estudos de casos dos *podcasts* intitulados “O Mundo Em Meia Hora”³ (OMEMH), da Rádio CBN, e o “Petit Journal”⁴ (PJ), produzido pelos professores Daniel Sousa e Tanguy Baghdadi. O comparativo parte principalmente de compreender a diferença entre a cobertura através da mídia podcast entre um veículo que está ligado a uma emissora tradicional e outro produzido de maneira independente, ou seja, sem o auxílio de uma produtora profissional.

O podcast ainda é uma mídia relativamente recente, e o primeiro programa a ser creditado desta forma foi o *Daily Source Code* criado por Adam Curry, no início dos anos

³ CBN PODCAST. *Guga Chacra, Ariel Palacios e Fernando Andrade - O Mundo em Meia Hora*, 2017. Os principais assuntos do noticiário internacional e o que eles têm a ver com os brasileiros. Análise sobre terrorismo, política, economia e o que mobilizou o planeta na semana. Disponível em: <<https://audioglobo.globo.com/cbn/podcast/feed/409/o-mundo-em-meia-hora>> Acesso em: 19 ago. 2022.

⁴ PETIT JOURNAL. *Site do Petit Journal*, 2021. Doses diárias de Economia e Política Internacional. Disponível em: <<https://www.petitjournal.com.br>> Acesso em 19 ago. 2022.

2000, esse pioneirismo rendeu à Curry o título de *podfather*⁵ (VICENTE, 2018). A inovação trazida por Curry, que já havia trabalhado tanto no rádio quanto na televisão — onde foi apresentador na MTV norte-americana, não era necessariamente a produção de um programa em áudio diário que incluía músicas, mas sim sua ideia de criar uma tecnologia que permitiria distribuir os episódios da forma mais simples e prática aos seus usuários (ABRANTES, 2020). O jornalista britânico Ben Hammersley cunhou pela primeira vez o termo “podcasting” na reportagem “Audible Revolution”, publicado pelo jornal *The Guardian*, em 12 de fevereiro de 2004⁶.

Hammersley usa o termo para dar nome a facilidade de se ter acesso a programas de áudio distribuídos através dos feeds⁷ e o RSS⁸. No Wikipedia, o termo seria creditado pela primeira vez no mesmo ano, em novembro (ABRANTES, 2020). O podcast, que começou como um fenômeno bastante ligado e dependente dos *blogs*, anos mais tarde viria a se tornar uma mídia que criou todo um novo mercado ao redor de si, movimentando milhares de dólares através de publicidade e anúncios, projetos de financiamento coletivo e investidores interessados no formato. Uma mídia que permite entrevistas, rodas de conversa, monólogos, narrações, boletins de notícia, debates e produções ficcionais. O podcast pode ser todos esses tipos de programas, e que se mescla e adapta a rotina do ouvinte da forma que ele preferir, já que é um conteúdo sob demanda. O consumidor da mídia escolhe quando, como e onde ouvir o seu programa favorito, criando uma relação em que o receptor não depende de um horário específico, definido pelo emissor do conteúdo. Diferentemente do rádio tradicional, que é organizado através de uma

⁵ *Podfather* a junção do prefixo “pod” e a palavra “father” (pai, em inglês). É também o apelido do criador e apresentador do podcast *Daily Source Code*, Adam Curry.

⁶ HAMMERSLEY, Ben. Audible Revolution. *The Guardian*, 12 fev. 2004. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/media/2004/feb/12/broadcasting.digitalmedia>> Acesso em: 20 set. 2022.

⁷ Feeds são pacotes de dados gerados e direcionados por sites que utilizam da tecnologia RSS.

⁸ *Really Simple Syndication* (RSS) é um tipo de feed da web que permite que os usuários e aplicativos recebam atualizações regulares dos sites de sua preferência.

programação bem definida, com espaços para comerciais delimitados por tempo e uma etiqueta que deve ser seguida à risca pelos âncoras dos programas.

Além disso, ocorreu o surgimento de produtoras totalmente direcionadas em produzir podcasts (BONINI, 2020), e serviços de rádio social – redes sociais que estimulam a interatividade e criatividade de seus usuários para que consumam, produzam e compartilhem conteúdos em áudio como *Spotify*, *Deezer* e *Amazon Music* que distribuem esse conteúdo (KISCHINHEVSKY, 2016).

Neste artigo iremos nos debruçar em dois estudos de casos sobre os podcasts O Mundo Em Meia Hora e Petit Journal, dedicados a cobertura política e social da guerra travada entre Rússia e Ucrânia. O primeiro, é um programa semanal produzido pela Rádio CBN, lançado aos sábados tanto na programação da rádio quanto nos feeds de podcast da emissora, com enfoque nos temas de política internacional, apresentado atualmente pelo âncora Fernando Andrade com a participação dos colunistas Guga Chacra, correspondente de Nova York e Ariel Palacios, correspondente da América Latina, e o atual produtor do programa é o jornalista Matheus Luque.

O segundo podcast, é um programa idealizado por Daniel Sousa, professor de economia do Ibmecc Rio de Janeiro, e Tanguy Baghdadi, professor de relações internacionais e atua no MBA do Ibmecc. Ambos especializados no CACD (Concurso de Admissão à Carreira de Diplomata). O Petit Journal é um projeto totalmente independente dos educadores, com enfoque em cobrir de maneira didática e simples as principais questões da política internacional. Desde sua fundação, o podcast mudou algumas vezes de regularidade e atualmente é publicado, de segunda a sexta-feira, nos mais diversos serviços de streaming de áudio. É importante citar que ambos os apresentadores também são colunistas no canal de notícias GloboNews.

E para além do contexto tecnológico e mercadológico, o podcast está inserido em um momento em que a internet e o digital se transformou em um espaço público de disseminação de *fake news* (HAN, 2022). Conhecidas como *fake news*, as notícias falsas

criam redes de desinformação, manipulando e influenciando a opinião pública a crer em algo que não é verdadeiro. Essa dinâmica ocorre devido ao uso de manchetes duvidosas, apelo emocional e títulos sensacionalistas, vídeos manipulados (deepfakes), entre outros métodos. Bolhas de ódio, compartilhamento de mentiras como forma de prejudicar o outro, seja uma pessoa, seja um partido político, seja uma escolha de gênero ou uma raça não devem ganhar voz. Seja falando, digitando no grupo da família no WhatsApp ou compartilhando notícias nas redes sociais, livre-se das bolhas.

Segundo Cristina Tardáguila em sua coluna no UOL⁹:

“O depoimento dado pela infectologista Luana Araújo à CPI da Pandemia na última quarta-feira (02/06/2021) não foi apenas um reluzente espetáculo da ciência frente ao perigoso curandeirismo que tomou conta do Brasil. Foi, sobretudo, prova de que é possível combater a desinformação pandêmica com tranquilidade, educação e - é claro - técnica. O resultado tende a ser avassalador. Quem luta contra as notícias falsas de forma profissional sabe - e costuma repetir - que o confronto direto com aqueles que disseminam falsidades (sobretudo os que o fazem por falta de conhecimento) não leva a lugar nenhum” (TARDÁGUILA, 2022).

Para Cristina, fundadora da Agência Lupa de checagem de fatos:

“O método mais eficiente para contornar um boato passa necessariamente por três pontos: produzir uma comunicação simples e direta (seja em formato de texto, vídeo ou áudio), ser absolutamente transparente sobre as fontes de informação utilizadas e estar seguro sobre a reputação delas. Sem isso, a conversa vira uma guerra de narrativas em que indivíduos duelam apenas para ver quem fala mais alto” (TARDÁGUILA, 2022).

E neste contexto, que a informação pode ser usada como uma arma, o podcast pode vir a ser uma ferramenta que informa e distribui conteúdo de maneira responsável ou ser

⁹ TARDÁGUILA, Cristina. Quem curte o 'estilo Luana Araújo' de combate às 'fake news?'. *UOL*, 03 jun. 2021. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/colunas/cristina-tardaguila/2021/06/03/luciana-araujo-cpi-pandemia-desinformacao-covid.htm>>. Acesso em: 10 de out de 2022.

usado como mais uma maneira de amplificar teorias da conspiração, discursos de ódio e notícias falsas.

E essa preocupação com veracidade dos fatos se torna mais crucial devido ao atual cenário de guerra no Leste Europeu, gerando uma situação em que fake news podem ser definitivas quanto a vida e morte de pessoas. Um exemplo de como as notícias falsas de cunho internacional também afetam o cenário nacional da política é a imagem que circulou pelas redes sociais que afirmava que o presidente russo, Vladimir Putin estaria prestes a suspender a exportação de fertilizantes ao Brasil caso Luiz Inácio Lula da Silva fosse eleito.



Inserir Figura I aqui.

Figura I. Fake News de uma falsa captura de tela de uma suposta notícia do site GI.

Fonte: Compilação do autor, 2022.

Fake news como essa (Figura I) são produzidas para parecerem jornalismo, se assemelham visualmente, para criar uma falsa sensação de credibilidade. A matéria nunca existiu, e o presidente russo nunca afirmou tal promessa. Mas a *fake news* foi produzida com o intuito de afetar a escolha de votos dos brasileiros usando uma ameaça baseada no atual contexto de política internacional tenso no Leste Europeu¹⁰.

Para citarmos um exemplo de *fake news* em âmbito nacional, pode-se utilizar a entrevista do candidato Jair Bolsonaro (PL) ao Jornal Nacional (TV Globo)¹¹ na segunda-feira, em 22 de agosto de 2022. Durante a entrevista, o presidente brasileiro insistiu em teorias conspiratórias e notícias falsas já desmentidas em um dos programas de maior audiência da televisão nacional.

"ataques às urnas, defesa de tratamento precoce contra o coronavírus, desmatamento como resultado de causas naturais. Essas e outras alegações já fartamente repetidas – e desmentidas – vieram novamente à tona na entrevista concedida à TV aberta. Ao contrário, as teorias conspiratórias foram acompanhadas de frases rápidas replicáveis nas redes com expressões como “liberdade de expressão” e fazer “cumprir a lei”. Nem mesmo a suspeição sobre as eleições foi deixada de lado, apesar da insistência do âncora William Bonner em arrancar compromisso com o resultado das eleições" (MARTINS; BARBARELA, 2022).

¹⁰ RODRIGUES, Leonardo; CATALDI, Luana. Fatos Primeiro: é falso que Putin tenha ameaçado suspender fertilizantes ao Brasil caso Lula seja eleito. *CNN Brasil*, 07 out. 2022. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/fatos-primeiro-e-falso-que-putin-tenha-ameacado-suspender-fertilizantes-ao-brasil-caso-lula-seja-eleito/>> Acesso em: 10 out. 2022.

¹¹ MARTINS, Helena; BARBARELA, Eduardo. A força do bolsonarismo nas redes: repercussão de entrevista mostra eficiência e engajamento. *Jornal GGN*, 24 ago 2022. Disponível em: <<https://jornalggm.com.br/politica/eleicoes-politica/a-forca-do-bolsonarismo-nas-redes/>> Acessado em 11 de outubro de 2022.

Em outro trecho do levantamento feito pela equipe do JGGN, coordenado pelo jornalista Luís Nassif, percebemos que em

“uma hora e meia após o início da entrevista, havia 446 mil tweets sobre Bonner, o assunto mais comentado de então. Em segundo, #GloboLixo, com 187 mil menções. #JornalNacional já ocupava a 3ª posição, seguida de temas tratados na entrevista, como Amazônia e centrão” (MARTINS; BARBARELA, 2022).

A partir da metodologia mista de análise de dados e conteúdo e estudo de caso, para reconhecimento de padrões dessas informações, acredita-se que podemos contribuir para discussão sobre a governança da internet, questão central para os estudos em comunicação, mas que é ainda pouco trabalhada na área (MONTENEGRO, 2021), sendo que muitos deles estão vinculados à área de relações internacionais, deixando um espaço a ser preenchido nos estudos da comunicação sonora, como é o recorte deste artigo.

Surgimento e desenvolvimento do podcasting

Adam Curry juntamente com o desenvolvedor Dave Winer, criaram os agregadores RSS (Really Simple Syndication). A tecnologia que já era utilizada por blogs, permitia através de *Feeds*¹² divulgar sempre que um conteúdo novo era captado pelos programadas agregadores a aqueles que assinavam um Feed RSS. Dessa forma, a tecnologia dos agregadores, permitia ao receptor do conteúdo realizar o *download* do que havia sido postado pelo criador do Feed RSS. Entre os diversos tipos de arquivos suportados pelos Feeds, o áudio é um deles. O usuário interessado assina esse Feed e sempre que houver novas postagens as atualizações serão recebidas. O único requisito necessário é que receptor possua um programa que “agreguem” esses pacotes de dados, como é o caso do *iTunes*,

Podcast Addict, Downcast, Overcast, Castro, iCatcher, Cast Box, Podcast Go, Player FM, Stitcher, TuneIn, Spreaker, Podbean, entre muitos outros (VICENTE, 2018).

O objetivo era “para os ouvintes que desejam baixar os programas o download não deve[ria] ser um empecilho, como demorar muito para baixar ou ocupar muito espaço na memória dos computadores ou dispositivos portáteis” (ABRANTES, 2020, p. 7). Anos mais tarde, o podcast chegaria aos serviços de streaming de música, alcançando mais um degrau no quesito de praticidade ao ouvinte, o que mais uma vez faria o conteúdo do gênero alavancar em números de audiência.

Segundo levantamento da Kantar IBOPE Media¹³, em 2022, o rádio é ouvido por 83% das pessoas nas 13 áreas metropolitanas pesquisadas. E do escopo estudado, 40% do público já consumiu algum podcast nos últimos 3 meses anteriores à agosto de 2022. O relatório também destaca que mais da metade do público é um ouvinte recorrente dos seus programas favoritos, 56% dos consumidores escutam pelo menos uma vez por semana algum podcast. Outra pesquisa que mostra o impacto da mídia podcast é o levantamento realizado pela Pesquisa Global de Consumidores da Statista¹⁴. No primeiro semestre de 2022, o Brasil era o terceiro país que mais consumia podcasts. Somente atrás da Irlanda, em segundo lugar, e da Suécia, em primeiro lugar, com 47% do público entrevistado tendo afirmado que ouviu no mínimo um podcast no último ano.

Através dos trabalhos de Marcello Medeiros (2005) e Carvalho Moura (2006), Abrantes explica que o termo “podcast” não possui uma origem única. Mas entre as tantas aceitas ela faz menção há uma das mais populares que é a “de que o termo surgiu com a

¹³ BONTEMPO, Renato. Inside Radio 2022: 100 anos em evolução. *CASTNEWS*, 11 out. 2022. Disponível em: <<https://www.castnews.com.br/inside-radio-2022-100-anos-em-evolucao/>> Acesso em: 18 out. 2022.

¹⁴ 3 PAÍSES que mais consomem podcasts no mundo. *CASTNEWS*, 7 mai. 2022. Disponível em: <https://www.castnews.com.br/3-paises-que-mais-consomem-podcasts-no-mundo/?utm_source=Mautic&utm_medium=Newsletter&utm_campaign=Castnews&utm_content=%2386> Acesso em: 9 mai. 2022.

união das palavras iPod¹⁵ e cast – sufixo da palavra broadcast, que significa distribuição” (2020, p. 9).

E diferentes linhas de pesquisa surgiriam nos anos seguintes para compreender o peso do podcast em relação as estruturas previamente estabelecidas pelas emissoras tradicionais e a indústria fonográfica em geral. Kischinhevsky (2016) esclarece que mesmo que a assincronia do podcast, em relação ao rádio ao vivo possa perder em termos de retorno do ouvinte ele ganha pontos pela sua praticidade, o que seria um fator determinante para sua popularização. O podcast então é parte uma de revolução maior, a revolução digital, sendo uma faceta da produção de conteúdo das duas últimas décadas.

Kischinhevsky (2016) exemplifica essa revolução ao citar a evolução técnica da mídia, que ao longo dos anos foi reconhecida por seus usuários e criadores como algo que pudesse aglutinar ideias:

“os podcasts eram, na maioria, sequências de músicas da predileção do internauta ou monólogos que faziam as vezes de audioblogs, diários em voz alta. Mas, rapidamente, os programas/episódios passaram a se sofisticar, mesclando locuções, efeitos sonoros, trilha, emulando o que era veiculado em ondas hertzianas ou mesmo introduzindo os formatos inovadores” (2016, p. 69).

Em meados de 2004, o podcast era visto como uma mídia cultivada por entusiastas do áudio e de tecnologia em geral, e mesmo que houvesse uma associação entre o podcast e o popular iPod, não havia nenhuma grande empresa que levantasse a bandeira do podcast, o que começaria a mudar em junho de 2005, quando a Apple lançou a versão 4.9 do iTunes. Nessa atualização, o programa de música passaria a armazenar e reproduzir podcasts. E a Apple veria no formato uma forma de expandir seu mercado, e investiu na

¹⁵ iPod é uma marca registrada da Apple Inc. e refere-se a uma série de “media players” portáteis projetados e vendidos pela Apple.

criação de programas de edição de áudio como o *GarageBand* e *QuickTime Pro* (ABRANTES, 2020).

O primeiro podcast brasileiro chamava-se Digital Minds, com início em 21 de outubro de 2004 e criado por Danilo Medeiros. O Digital Minds ganha esse título pois foi considerado o primeiro programa de áudio nacional disponível por via RSS, segundo Luiz e Assis (2010). Essa primeira geração de podcasts logo entrou em uma crise porque no ano de 2006 os pesquisadores consideram que ocorreu um evento chamado “*Podfade*”, esse foi um período em que diversos podcasts encerram suas atividades.

Mas, o *Podfade* foi algo passageiro pois no mesmo período surgiriam novos programas que teriam uma vida longa como é o caso do *Nerdcast*¹⁶. Criado por Alexandre Ottoni e Deive Pazos, o programa é de bate-papo entre amigos sobre literatura, cultura pop, cinema, quadrinhos, séries. O programa está ativo há mais de 14 anos. Outro podcast brasileiro que merece destaque é o Mamilos¹⁷ - fundado em 2014 - com seu lema de “jornalismo de peito aberto”, é um programa semanal que discute os temas polêmicos da atualidade apresentado pelas publicitárias de formação Juliana Wallauer e Cris Bartis. O Mamilos, até 2019, era o segundo podcast mais ouvido do *Spotify*, perdendo apenas para o *Nerdcast* (ABRANTES, 2020).

Com o passar dos anos e com o surgimento de podcasts que alcançariam milhões de ouvintes de forma totalmente independente, o fenômeno podcasting chamou a atenção da indústria fonográfica e de radiodifusão, que pensariam maneiras de utilizar aquele novo formato de mídia a seu favor.

“a indústria da radiodifusão sonora tentaria se apropriar da novidade, oferecendo à la carte milhares de podcasts de comentaristas e programas

¹⁶ JOVEM NERD. *Nerdcast*, 2007. Disponível em: <<https://jovemnerd.com.br/nerdcast/>> Acesso em: 05 out. 2022.

¹⁷ B9. *Mamilos*, 2014. Diálogos de peito aberto. Disponível em: <<https://www.b9.com.br/shows/mamilos/>> Acesso em: 05 out. 2022.

específicos veiculados antes em ondas hertzianas – raros são os conteúdos concebidos nas emissoras comerciais exclusivamente para a web. De todo modo, o podcasting engrossaria o tráfego na internet, impulsionando uma nova lógica de consumo de conteúdos radiofônicos, que passavam a ser compartilhados nas redes sociais on-line, potenciando tremendamente sua circulação” (KISCHINHEVSKY, 2016, p. 70).

Essa revolução de conteúdo levou à criação de mídias sociais de base radiofônica, os serviços de rádio social, ponto central para se entender o peso do podcast nos cenários das redes sociais, segundo Kischinhevsky (2016). O autor explica que nesse cenário de *web* rádios, serviços agregadores e redes sociais, surge um híbrido entre esses serviços que mistura o *streaming* de músicas e áudio, postagem e indexação de conteúdo com a interatividade entre usuários e o surgimento de comunidades *online*, os serviços de rádio social.

A troca constante entre usuários e o surgimento de comunidades digitais em torno da mídia, só mostra como o podcast é um formato de mídia que aceita e evoluiu através da Transmídia. Em entrevista a Navarro (2010), Henri Jenkins lembrou que muitos previram o desaparecimento do rádio quando novas mídias foram surgindo, por exemplo, mas o que ocorre é justamente o oposto: “o que estamos presenciando é uma interação crescente entre mídias tradicionais e mídias novas (JENKINS, 2010, p. 15)”. Neste sentido, “há uma tentativa de satisfazer o desejo do público de participar ativamente na produção e circulação de conteúdo midiático” (JENKINS, 2010, p. 15).

O podcast e o ato do podcasting são, na prática, mais um dos resultados do processo de convergência midiática tão estudado e destrinchando por Jenkins (2009). E, por esses programas terem um histórico de contar com a interação do seu público através de leituras de e-mails com feedbacks, participações dos ouvintes nos programas, sugestões de pautas e criação de fóruns em sites e redes sociais só demonstra como o podcast é transmidiático, o que pode ser um ferramental importante no combate à desinformação.

O alcance que um podcast pode obter entre diversos públicos e em variadas mídias sociais denota a possibilidade de um possível uso de combate a proliferação de notícias

falsas. O contexto tecnológico e midiático proporcionado pela revolução digital permite ao público em geral ter a possibilidade de ser mais consciente de buscar o que realmente é factível. "Depois de séculos de manipulação, temos a chance [com as ferramentas digitais, gratuitas e disponíveis para nós] de fazer a diferença, de enxergar através do buraco da fechadura" (FERRARI, 2020, p. 09). Por isso, é importante se preocupar em conter as falsas informações, verificar o que é verdadeiro e o que é falso e, assim, gerar um bem coletivo, bem como e integrado às tecnologias voltadas para a governança da internet.

Segundo Jenkins, "a narrativa transmídia refere-se a uma nova estética que surgiu em resposta à convergência das mídias – uma estética que faz novas exigências aos consumidores e depende da participação ativa de comunidades de conhecimento" (2009, p. 49). A convergência extrapolou os limites das mídias e influenciou áreas como o jornalismo, em dimensões empresarial, tecnológica, profissional e comunicativa, como aponta Scolari (2009) a partir das propostas de Salaverría (2003).

O ouvinte de podcast é um público ao mesmo tempo receptor e emissor. Claudia Ardini e Alfredo Caminos (2018) definem esse fenômeno como um público "*EmiRec*". Para os autores a junção entre narrativa, tecnologia e participação é conceituada como o "território transmídia" (ARDINI; CAMINOS, 2018, p. 16), e o podcast abarca esses elementos e se beneficia deles para a consolidação da mídia, sendo um grande aliado à educação midiática¹⁸.

A seguir abordaremos o impacto do podcast na cobertura e discussão de temas como a política internacional, com o objetivo de exemplificar usos possíveis desta mídia no combate a desinformação.

¹⁸ Educação midiática é o processo de ensinar um certo conjunto de habilidades a uma pessoa para que ela acesse, compreenda, possa fazer análises próprias e participe de maneira crítica de debates sobre mídia e informação, tanto nos meios impressos quanto digitais.

A governança da internet, o podcast e o poder da transmídia

Em 2011, a Organização das Nações Unidas (ONU) entendeu que, pela natureza “transformadora e única” da internet, o acesso à rede favorece o progresso da sociedade, permite que os usuários exerçam o direito de opinião e expressão e deve, portanto, ser garantido como direito humano básico, ao lado de outros que protegem a liberdade e a dignidade. Neste contexto, a narrativa transmídia sonora, que mistura fatos reais e elementos encontrados em obras de ficção, como a dramatização e a utilização de efeitos e sons ambientes pode ser considerado como *historytelling* proposto por Ardini e Caminos (2018). Ou seja, a aproximação de variados públicos a histórias reais com tanto apelo quanto histórias ficcionais - o “Historytelling” – “history” (História, em sentido social) + “telling” (contação ou contar). Criação de Ardini e Caminos (2018) para catalogar as narrativas que se aproximam de um conceito de História como um estudo social e coletivo, o que pode ser aplicado a podcasts jornalísticos narrativos que roteiriza fatos e notícias. Tornando mais interessante e intrigante uma história real para seus ouvintes. Existem também exemplos na língua espanhola desse gênero de podcasts. Vicente cita a produção *Le llamaban padre*¹⁹:

“roteirizada e dirigida por Jose Angel Esteban, baseado no livro de mesmo nome de Carles Porta, para Podium Podcast. Em seus sete episódios, o podcast traz a narrativa dramatizada de um caso de pedofilia de grande repercussão ocorrido na Catalunha. *Le llamaban padre* recebeu menção especial nos Premios Ortega y Gasset del Periodismo de 2017” (VICENTE, 2018, p. 100).

Em uma sociedade que prima pelo desempenho desenfreado, e que adoce, “a informação não é mais informativa, mas deformadora” (HAN, 2022, p. 8). Para Han, esse cenário é oportuno para a proliferação em vários países, ao redor do mundo, do surgimento e ascensão de políticos e forças nacionalistas e populistas, muitos deles, de extrema direita.

¹⁹ PODIUM. *Le Llamaban Padre*, 2016. Periodismo de investigación y nuevas narrativas. Disponível em: <<https://www.podiumpodcast.com/le-llamaban-padre/>> Acesso em: 05 out. 2022.

Han utiliza como exemplo Donald Trump nos EUA, representante de um tipo figura política que utiliza o fenômeno da infocracia - conceito que será abordado ao longo do artigo - a seu favor.

Outro ponto essencial para compreender este contexto é o da guerra informacional²⁰ travada entre Rússia e Ucrânia evidencia uma governança baseada na vigilância e desconfiança, que se torna bastante clara por meio das relações de poder entre o presidente russo Vladimir Putin, a comunidade europeia e os Estados Unidos (EUA). Como é discutido no episódio do Petit Journal - que será analisado posteriormente neste artigo, em que os apresentadores discutem sobre a desconfiança mútua entre Olaf Scholz, o chanceler da Alemanha, e Emmanuel Macron, presidente da França, ao viajarem para a Rússia e não se disporem a realizar um teste de covid²¹, pois não queriam ceder seu DNA ao governo russo com medo de algum tipo de conhecimento estratégico russo acerca de seus líderes.

No conflito entre Rússia e Ucrânia, é possível citar como Vladimir Putin, e até mesmo o presidente ucraniano Volodimir Zelensky – porém sem tanta experiência política e influência quanto seu inimigo russo, como um exemplo de “político infocrático”. E Putin, no contexto internacional, busca por líderes semelhantes ao seu estilo de fazer política, é o que afirmam os colunistas Guga Chacra, correspondente de Nova York, e Ariel Palacios, correspondente de América Latina, no episódio “Viagem de Bolsonaro à Rússia e tensão crescente na fronteira com a Ucrânia”²² do podcast O Mundo Em Meia

²⁰ Guerra informacional é o nome dado um conflito que se utiliza de tecnologias da informação e da comunicação como uma vantagem sobre um adversário. Seja esse adversário interestatal, uma nação adversária, ou intraestatal, como um grupo político rival.

²¹ O novo coronavírus (Covid-19) foi o causador de uma pandemia em escala global que afetou diversos países de maneira mais intensa entre 2019 até 2022, infectando e matando milhões de seres humanos. O contágio rápido do vírus fez com que governos precisassem pôr em prática medidas como lockdowns e o uso obrigatório de máscaras. O período mais letal da pandemia também foi marcado por uma onda de desinformação e fake news acerca do vírus em si, remédios “milagrosos” e questionamentos sobre a efetividade das vacinas contra a doença.

²² O MUNDO EM MEIA HORA: Viagem de Bolsonaro à Rússia e tensão crescente na fronteira com a Ucrânia. Locução de: Fernando Andrade, Ariel Palacios e Guga Chacra. *Rádio CBN*, 19 fev. 2022.

Hora publicado no sábado, dia 19 de fevereiro de 2022, com 25 minutos de duração - sábado da semana anterior a invasão russa na Ucrânia – e apresentado por Fernando Andrade. O podcast contava com seu editorial bastante focalizado - principalmente nos primeiros 11 minutos do episódio - no que na época era a escalada de tensões entre os dois países do leste europeu.



Figura 2. Captura de tela da aba do O Mundo Em Meia Hora no Spotify.

Fonte: Compilação do autor, 2022.

O primeiro tópico abordado no programa foi uma análise acerca da viagem do presidente Jair Bolsonaro à Rússia que ocorrera naquela semana. Na ocasião, o presidente afirmou que daria "solidariedade" a Rússia de Putin, o que não foi tão receptivo pelo restante do mundo que se opunha as recentes ameaças do presidente russo. Segundo, o jornalista Guga Chacra, o que era um procedimento padrão da diplomacia brasileira - de manter uma boa relação com a grande maioria dos países e ser independente das pressões

Podcast. Disponível em: <<https://cbn.globoradio.globo.com/media/audio/367285/viagem-de-bolsonaro-russia-e-tensao-crescente-na-f.htm>> Acesso em: 24 ago. 2022.

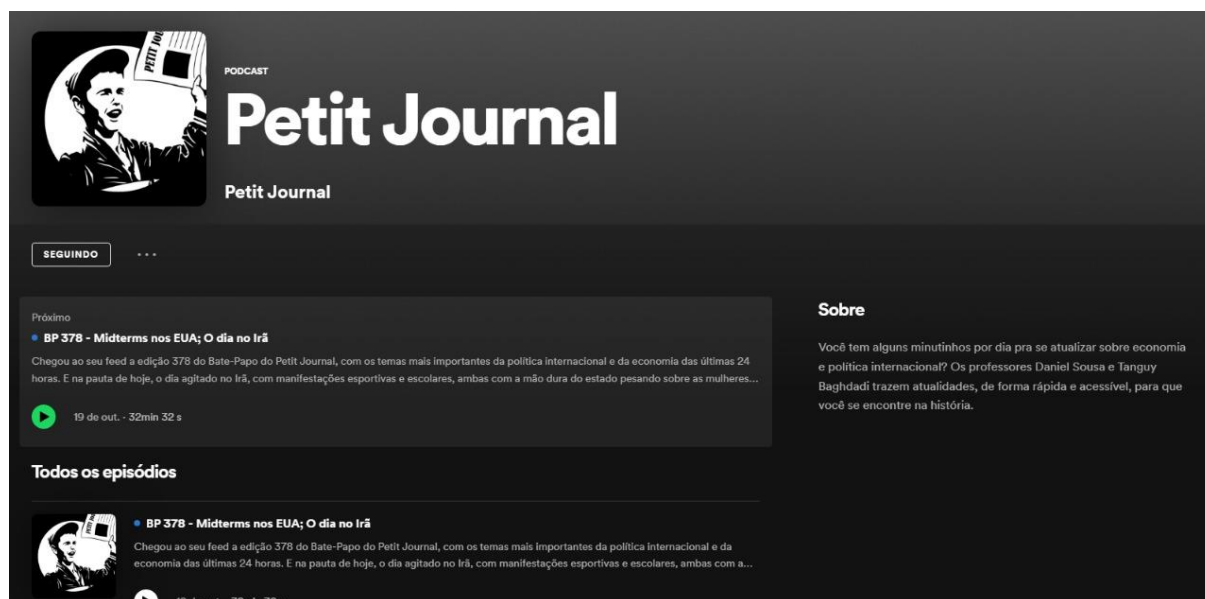
de países como EUA - se transformou numa situação cheia de gafes do líder brasileiro, o que faz parecer um alinhamento Brasil e Rússia para além de assuntos econômicos, como os BRICS – grupo econômico formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul.

Para Palacios, Putin possui um *modus operandi* de apoiar "páreas" internacionais do mundo latino-americano, como é o caso do presidente Nicolás Maduro da Venezuela, Daniel Ortega da Nicarágua e o próprio presidente Bolsonaro. Palacios explica que o líder russo é bastante pragmático, pois não existe um alinhamento ideológico claro para seus apoiadores.

Outro ponto interessante da abordagem do programa é analisar as respostas ucranianas às provocações russas. Segundo Andrade e Chacra, faltava ao Presidente Volodimir Zelensky experiência política para lidar com Putin, por isso é chamado pelo colunista de "figura frágil". No período pré-invasão, um dos tópicos mais falados da mídia na época era a história pregressa de Zelensky - antes de chegar ao poder na Ucrânia - pois o político era um comediante que ficara famoso por uma série de TV sobre ser o presidente da Ucrânia.

Já no episódio do podcast “BP 258 - Polônia, Hungria, França, Reino Unido e Bolsonaro na Rússia” do Petit Journal, publicado na quinta-feira, dia 17 de fevereiro de 2022 com 31 minutos de duração²³, os professores Daniel Sousa e Tanguy Baghdadi, abordam alguns pormenores interessantes de tópicos também tratados no programa da Rádio CBN. À época, a pandemia de Covid-19 ainda era um tema muito presente no noticiário e os apresentadores trazem isso à tona quando citam que o protocolo russo para visita de líderes mundiais era realizar um teste de covid, para se aproximar de Putin, o que nas imagens da reunião mostram que, devido à proximidade de ambos os políticos, o presidente brasileiro Jair Messias Bolsonaro teria aceitado tal condição ao visitar a Rússia.

²³ BP 258 - Polônia, Hungria, França, Reino Unido e Bolsonaro na Rússia. Locução de: Tanguy Baghdadi e Daniel Sousa. *Petit Journal*, 17 fev. 2022. Podcast. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/7yS8P52HpP43Cukgj8estR>> Acesso em: 24 de ago. 2022



Inserir Figura 3 aqui

Figura 3. Captura de tela da aba do Petit Journal no Spotify.

Fonte: Compilação do autor, 2022.

É importante frisar esse detalhe pois como Han (2022) descreve que foi um ponto crucial para vários desses líderes nacionalistas e extremados manipular e criar teorias da conspiração durante a pandemia de Covid-19, e Bolsonaro agiu desta forma no Brasil. Portanto, o ato de fazer um simples teste de covid era algo bastante inusitado para o líder brasileiro. E os professores tratam com bastante ironia esse tópico da política bolsonarista durante o episódio.

Uma diferença crucial entre os dois programas é que o Petit Journal utiliza muito mais do humor e da ironia para tecer críticas à questões de política internacional. Como é o caso do assunto sobre a “solidariedade” de Bolsonaro a Putin. Baghdadi é bastante incisivo em criticar a postura do presidente brasileiro, referindo-se, ainda, como essa única afirmação isola mais ainda o Brasil dos países que reprovavam as atitudes de Putin em relação a Ucrânia.

Os professores também abordam com mais detalhes os aspectos econômicos por trás das tensões entre os russos e ucranianos. Citando, por exemplo, como a especulação acerca de um conflito causava reflexos no dólar. E mesmo que haja semelhanças em ambas as pautas de cada programa, os desdobramentos dos assuntos são levemente diferentes. No comparativo entre os dois episódios, detalhes econômicos dos países citados são muitos mais frequentes no *Petit Journal*. Além de ser uma especialidade do professor Daniel Sousa, entendemos que *O Mundo Em Meia Hora* precisa ser mais direto nos assuntos da pauta pois mesmo sendo um podcast, o programa ainda está vinculado ao tempo disponível na sua veiculação durante a programação de rádio da emissora.

Ambos os podcasts são bastante críticos as lideranças de extrema-direita. E através de exemplos práticos mostram a capacidade nociva da política empregada por tais lideranças, como a criação e proliferação de teorias conspiratórias e a utilização das *fake news* para a manutenção de seu poder. O conflito russo-ucraniano já completou mais de um ano, e alterou por completo a geopolítica da Europa e do mundo. Foram criados paradigmas de segurança regional e intercontinental devido este conflito. E Vladimir Putin é o maior responsável por essa tragédia e por tantas outras já que “há de se notar que uma boa parte deles [os conflitos na região do Leste Europeu] tem sido originada na Eurásia pela Rússia sob a liderança de Vladimir Putin” (LEBELEM; VILLA, 2022). Portanto, a análise dos podcasts foi certa em reconhecer a capacidade destrutiva do líder russo, e reconhecer os mesmos sinais autoritários no presidente brasileiro. E vale ressaltar que os podcasts foram publicados antes do início do conflito, e a hipótese de uma nova guerra na Europa era bastante descartada à época.

O podcast e a infocracia

No contexto brasileiro, fatores importantes para a consolidação da mídia foram as rádios privadas que reconheceram no podcast mais um formato para expandir suas marcas.

Esse rádio que angaria público, interação e reconhecimento também no mundo digital é conceituado por Kischinhevsky (2016) como o fenômeno do “rádio expandido” (KISCHINHEVSKY, 2016, p. 13). Santaella (2013) buscou definir estes perfis a partir de uma inquietação sobre como as redes móveis afetariam o processo educacional dos usuários jovens destes dispositivos. Pensando ainda sobre as repercussões do desenvolvimento tecnológico, a autora também faz reflexões sobre o termo “pós-digital”, que não significa o fim de uma era, e sim a necessidade da sociedade repensar a sua relação com o digital.

Byung-Chul Han é outro autor que reflete sobre a necessidade de compreender o peso do excesso de informações que o mundo digital cria. Segundo ele em seu livro “*A expulsão do outro: Sociedade, percepção e comunicação hoje*”, “a comunicação não é mais comunicativa, mas meramente cumulativa” (HAN, 2022, p. 8). Cada vez mais a comunicação adoce o sujeito pois provoca um excesso de afirmação, ou seja, uma proliferação do igual.

Han cita dois fenômenos que podem parecer antagônicos mas que tem a mesma origem, a formação do terrorista islâmico e do nacionalista extremado. Ambos são gestados por um medo paranoico e ambos buscam uma identidade, uma união, um igual. “O medo por si mesmo faz despertar inconscientemente um anseio pelo inimigo. O inimigo é, também em forma imaginária, um fornecedor mais rápido de identidade” (HAN, 2022, p. 28). E o medo e o ódio se complementam pois: “medo se manifesta não apenas como ódio a estrangeiros, mas também como ódio a si. Sociedade do medo e sociedade do ódio se condicionam reciprocamente” (HAN, 2022, p. 27). Segundo Han, esses sentimentos são gerados pelas inseguranças sociais dos seus contextos.

Em outra obra, “*Infocracia: Digitalização e a crise da democracia*”, Han (2022) aprofunda-se nesse debate sobre informação, notícias falsas e manipulação política.

Segundo ele, vivemos em uma “forma de dominação na qual informações e seu processamento por algoritmos e inteligência artificial determinam decisivamente processos

sociais, econômicos e políticos” (HAN, 2022, p. 7). De acordo com Han, isso é o regime da informação, onde o ganho de poder é definido por quem tem maior acesso a dados “utilizados para vigilância, controle e prognóstico de comportamento psicopolíticos” (HAN, 2022, p. 7).

O autor cita também a questão por trás de uma “falsa” liberdade de expressão pregada por esses líderes provindos da infocracia. Para Han, não adianta só haver liberdade para falar tudo que se pensa se isso não está baseada em fatos. A “liberdade de opinião se degrada, ao contrário, em farsa, caso perca a referência aos estados de fato e às verdades factuais” (HAN, 2022, p. 86). Discurso esse que é abordado no programa do *O Mundo Em Meia Hora*, quando citam a viagem de Bolsonaro à Hungria governada pelo primeiro ministro Viktor Orbán, que como explica Ariel Palacios (2022) se diz um defensor da liberdade de expressão mas que atuou politicamente para cercear jornalistas críticos a seu regime, na qual considera como uma democracia “iliberal”²⁴.

Palacios explica que líder húngaro afirma que algumas de suas maiores inspirações de governos iliberais são a Rússia, a China e a Índia. Ou seja, para líderes políticos como Orbán, que se assemelha em perfil a Putin e Bolsonaro, o presidente deve se intrometer em questões morais e de costumes agindo principalmente contra a comunidade LGBTQ+ e mulheres que desejassem o direito ao aborto. Para Orbán, o líder do executivo também pode acumular funções e realizar alterações na constituição de seu país. Além disso, atacar a imprensa livre e opositores políticos e ao mesmo tempo afirmar ser alguém a favor da liberdade de expressão, e que como Han explica liberdade essa de opinar sem responsabilidade com fatos, uma crise da verdade (2022).

E o autor continua dizendo que:

²⁴ Democracia iliberal, ou democracia parcial, foi um termo cunhado pelo cientista político americano Fareed Zakaria, em 1997, se referindo aos sistemas de governo que possuem eleições mas afastam sistematicamente seus cidadãos de exercer plenos direitos políticos, como em uma democracia liberal convencional.

A digitalização do mundo da vida avança, implacável. Submete a uma mudança radical nossa percepção, nossa relação com o mundo, nossa convivência. Ficamos atordoados pela embriaguez de comunicação e informação. O tsunami de informação desencadeia forças destrutivas. Abrange também, nesse meio-tempo, âmbitos políticos e leva a fraturas e disrupções massivas no processo democrático. A democracia degenera em *infocracia* (HAN, 2022, p. 25).

E esse fenômeno da *infocracia* se conecta com essa sociedade do medo e do ódio, pois esses sentimentos são utilizados por políticos oportunistas que compreendem como funcionam as redes sociais e seus algoritmos e os usam a seu favor nas guerras de informação.

"As guerras de informação são hoje conduzidas com todos os meios técnicos e psicológicos imagináveis. Nos Estados Unidos e no Canadá, os eleitores recebem ligações de robôs e são inundados com notícias falsas. Exércitos de trolls intervêm nas campanhas eleitorais ao propagarem fake news e teorias da conspiração calculadas. Bots sociais, contas-fake autônomas nas mídias sociais, se passam por pessoas de verdade e postam, tuítam, curtem e compartilham. Propagam fake news, calúnias e comentários de ódio. Substitui-se, portanto, cidadãos por robôs" (HAN, 2022, p. 42).

Em 2022, um dos tópicos no noticiário político que mais gerou publicações, tuítes, fake news e teorias conspiratórias foi a invasão da Rússia na Ucrânia, no dia 24 de fevereiro de 2022. O que o governo russo chamou de operação militar²⁵ para camuflar uma guerra contra os ucranianos. Vladimir Putin é mais um dos líderes, que, como Trump, utiliza a guerra da informação "em prol da *efetivação a curto prazo do poder*" (HAN, 2022, p. 38).

Para Han, o "caráter geral de *curto-prazo* da sociedade da informação não é benéfico à democracia" (2022, p. 36) e líderes autocráticos como Putin se aproveitam do

²⁵ FRANCE PRESSE. Cem dias da invasão russa da Ucrânia: veja os momentos-chave da guerra. *GI*, 03 jun. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/06/03/cem-dias-da-invasao-russa-da-ucrania-veja-os-momentos-chave-da-guerra.ghtml>> Acesso em: 10 out. 2022

contexto da infocracia para justificar políticas autoritárias movidas por seus próprios interesses, justificando atos considerados por eles como democráticos. Nesse cenário, os jornalistas, historiadores e outros profissionais comprometidos com a veracidade e criticidade das fontes assumem uma nova função de “checagem de fatos”, não basta somente apurar as informações, é necessário desmenti-las. Quanto a efetividade da checagem de fatos Han (2022) é bastante cético, o autor afirma que, devido ao volume de fake news produzidas todos os dias, as agências de *fact-checking* nunca conseguirão obter o mesmo alcance que uma fake news. Para Han (2022), a mentira alcança muito mais usuários do que a verdade.

O debate sobre a crise da verdade, também feito por Han, é ponto crucial também das pesquisas do filósofo, antropólogo e sociólogo francês, especialista na ciência e tecnologia, Bruno Latour, que faleceu no dia 09 de outubro de 2022, aos 75 anos. Latour discute também o conceito de estarmos vivenciando o período da “pós-verdade”. Embora o conhecimento científico corresponda a apenas um dos muitos modos possíveis de existência que Bruno Latour descreve, uma visão irrealista da ciência tornou-se o árbitro da realidade e da verdade, nos seduzindo a julgar todos os valores por um único padrão. Ou seja, tem prevalecido o padrão da pós-verdade (LATOUR, 2019).

E o autor questiona:

Voltar aos valores? Instituições de confiança? Mas não é disso que finalmente nos livramos, do que acabamos, do que aprendemos a lutar e até a dispensar com desprezo? E, no entanto, a anedota analisada acima mostra que podemos ter realmente entrado em uma nova era. O alcance das crises ecológicas nos obriga a reconsiderar todo um conjunto de reações, ou melhor, reflexos condicionados, que nos roubam toda a nossa flexibilidade para reagir ao que está por vir (Latour, 2019, p. 07).

Além da checagem de fatos, a invasão russa à Ucrânia gerou uma cobertura intensa na mídia como um todo. Casos extraordinários como o registro ao vivo de um bombardeio

russo à capital ucraniana, Kiev²⁶. Essa nova onda de ataques foi considerada um “ato de vingança” de Putin²⁷ após a Rússia relatar o ataque a uma ponte da Crimeia, que prejudicou a logística das tropas russas resultando em três mortes. A retaliação, por outro lado, foi muito mais fatal, pois atingiu áreas civis da capital, causando dezenas de feridos e mortes.

O conflito russo-ucraniano se mostra como um possível divisor de águas, tanto nas relações internacionais quanto na cobertura jornalística de guerra. É preciso reconhecer que a Rússia “uma potência anti-status quo, fortemente revisionista territorialmente” (LEBELEM; VILLA, 2022) não é só um exemplo de risco militar, é também um risco informacional. Sendo assim, Vladimir Putin é um exemplo para as lideranças de extrema direita que desejam realizar seus desejos mais perversos.

Considerações Finais

A crise da verdade é uma realidade. Cada vez mais é necessário encarar que as mídias digitais geraram um acúmulo de informações que inebriam a visão do que é real dos seus usuários, sobre os mais diversos assuntos. Neste trabalho, em específico, foram tratadas as questões acerca da política nacional brasileira e internacional. As *fake news* podem ser fatais para a estabilidade política de uma nação, como foi demonstrado ao longo deste artigo.

Sendo assim, é necessário pensar um processo de educação midiática para o público em geral das mídias sociais, que já vem acontecendo nas escolas e universidades, porém de maneira lenta. Enquanto não são feitos projetos em larga escala para a população brasileira e mundial, a imprensa ainda é, em muitos casos, uma maneira de atestar o que é real ou falso. Além disso usuários engajados nas redes sociais e a comunidade acadêmica são peças

²⁶ BBC NEWS. Ataque a Kiev surpreende jornalista brasileiro da BBC ao vivo. *Youtube*, 10 out. 2022. Disponível em: <<https://youtu.be/eYMC9bVbqzQ>>. Acesso em: 10 out. 2022

²⁷ G1. Rússia lança maior ataque aéreo desde início da guerra na Ucrânia em vingança por ponte da Crimeia; 14 morrem. G1, 10 out. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/ucrania-russia/noticia/2022/10/10/kiiev-capital-da-ucrania-volta-a-ser-alvo-de-ataque-da-russia.ghtml>> Acesso em: 18 out. 2022

fundamentais no combate a desinformação e no esforço de educar as pessoas acerca de desinformação. Agências de checagens de fatos, jornais, televisões, rádios e revistas ainda podem atuar como um “porto seguro” para os usuários que desejam saber a verdade dos fatos.

E esse esforço realizado por tantos atores, de impedir a maré de excesso de informações distorcidas e falsas, também é realizado pelos podcasts e seus produtores. Podcasts jornalísticos podem ser uma ótima fonte de análise e debate para os principais assuntos do dia. No caso de assuntos de política internacional, com diversos desdobramentos e implicações da história de cada país envolvido em um tratado, conflito ou questão diplomática, os podcasts especializados no assunto podem se tornam uma referência para o público.

Podcasts oferecem praticidade, podem ser baixados e ouvidos, uma maneira rápida e simples de se manter atualizado sobre todas as principais questões que o brasileiro deveria se preocupar quando o assunto são os pormenores da interação política entre nações. E, como observado, políticos oportunistas podem se aproveitar da falta de conhecimento de sua população acerca do que ocorre em outras nações e utilizar informações distorcidas para fortalecer suas próprias políticas autocráticas, autoritárias e fascistas.

Utilizar o exemplo da invasão russa à Ucrânia, é compreender que a política e a guerra, na atualidade, são genuinamente afetadas por guerras de informações no mundo digital. Um podcast informativo sobre um conflito pode ser a maneira de um usuário reconhecer que líderes autoritários muitas vezes utilizam de tragédias para se promoverem. Podendo utilizar esses momentos de desespero da população a seu favor, para cercar direitos e criar visões distorcidas da realidade. O que não significa, necessariamente, que toda uma população será facilmente utilizada como massa de manobra.

Portanto, neste cenário, somente uma informação confiável e verdadeira e bem contextualizada pode ser a chave de um futuro mais democrático, sendo o podcast uma ferramenta para tal objetivo.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, Carolina de Lima. *O processo de difusão do podcast como uma nova mídia*. Monografia - Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2020

ARDIN, Claudia; CAMINOS, Alfredo. *Contar (Las) Historias: Manual para experiencias tranmedia sociales*. Aveiro: Ria Editorial, 2018.

BONINI, Tiziano. A “segunda era” do podcasting: reenquadrando o podcasting como um novo meio digital massivo. Tradução: Marcelo Kischinhevsky. *Radiofonias — Revista de Estudos em Mídia Sonora*, Mariana-MG, v. 11, n. 01, p. 13-32, jan./abr. 2020.

BUCCI, E. *Existe democracia sem verdade factual? Cultura política, imprensa e bibliotecas públicas em tempos de fake news*. Barueri (SP): Estação das Letras e Cores, 2019.

CITELLI, A. *Comunicação e educação: a linguagem em movimento*. São Paulo: Senac, 2004

D’ANDRÉA, C. *Pesquisando plataformas online: conceitos e métodos*. Salvador: EDUFBA. 2020.

FERRARI, P. *Como sair das bolhas* (2. Edição). São Paulo: Educ, 2020.

FLUSSER, V. *A escrita: há futuro para a escrita?* Tradução Murilo Jardelino da Costa. Annablume, 2010.

HAN, Byung-Chul. *No-cosas: quiebras del mundo de hoy*. Spanish Edition. Tradução: Joaquín Chamorro Mielke. Barcelona, 2021.

_____. *A expulsão do outro: Sociedade, percepção e comunicação hoje*. Petrópolis: Vozes, 2022.

- _____. *Infocracia: Digitalização e a crise da democracia*. Petrópolis: Vozes, 2022.
- JENKINS, H. *Cultura da convergência*. Tradução: Susana Alexandria. São Paulo. Aleph, 2008.
- KISCHINHEVSKY, Marcelo. *Rádio e Mídias Sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação*. I. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.
- LATOUR, B. *Uma investigação sobre os modos de existência. Uma antropologia dos modernos*. Tradução: Alexandre Agabiti Fernandez. Petrópolis, RJ. Vozes, 2019.
- LEBELEM, Cristiane; VILLA, Rafael Duarte. A guerra russo-ucraniana: impactos sobre a segurança regional e internacional. *CEBRI-Revista* Ano I, Número 3 (Jul-Set): 112-136, 2022. Disponível em: <<https://cebri.org/revista/br/artigo/47/a-guerra-russo-ucraniana-impactos-sobre-a-seguranca-regional-e-internacional>> Acesso em: 15 abr. 2023
- MARTÍN-BARBERO, J. *Heredando el futuro: pensar la educación desde la comunicación*. Nómadas, Bogotá, n. 5, p. 10-22, 1996. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=105118998002>. Acesso em: 11 out. 2022.
- MONTENEGRO, L.M.B. *Governança Digital do Combate à Violência Online de Gênero*. Análise de estratégias de organizações de resistência sob a perspectiva do processo de construção do problema público. Tese (Doutorado em Comunicação), Universidade de Brasília, 2021.
- NAVARRO, Vinicius. *Os sentidos da convergência: entrevista com Henry Jenkins*. Contracampo (UFF), Rio de Janeiro, n. 21, p. 2-26, ago. 2010.
- PAGANOTTI, I. (2021). *Engano, desconfiança e dramatização: contradições entre recomendações e práticas no combate à desinformação*. E-Compós, 24. <https://doi.org/10.30962/ec.2174>

PAGANOTTI, I. “Notícias falsas”, problemas reais: propostas de intervenção contra noticiários fraudulentos. In: COSTA, Maria Cristina Castilho; BLANCO, Patrícia (Orgs.). Pós-tudo e crise da democracia. São Paulo: ECA-USP, 2018. p. 96-105.

Disponível

em:

<<http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/274/245/1081-I>>. Acesso em: 10 out. 2022

SANTAELLA, Lúcia. *Comunicação ubíqua*: repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013.

VICENTE, Eduardo. *Do rádio ao podcast*: as novas práticas de produção e consumo de áudio, São Paulo, 2018.